

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Do contra

O feriado do Dia do Trabalho poderia ser um dia tranquilo, um dia para descansar e se desligar da rotina do batente. Não é assim em Berlim. Os berlinenses saem às ruas em protesto, sobretudo contra o abuso de autoridade policial. Essas manifestações estendem-se por quase três dias, indo da noite do dia 30 de abril até a madrugada do dia 2 de maio. Neste ano, comemoram-se ainda os 25 anos do Primeiro de Maio Revolucionário, pois foi em 1987 que um quebra-quebra fenomenal aconteceu nesse dia e entrou para a História da cidade.

Já antes da queda do muro, no lado ocidental da cidade, no bairro de Kreuzberg, conviviam jovens, artistas, anarquistas e estrangeiros em um caldeirão sociocultural efervescente prestes a explodir a qualquer momento. Não se pode esquecer que, na época da Berlim dividida, os residentes "ilhados" na Berlim Oeste recebiam compensações (na forma de seguro social, impostos reduzidos e subsídios nos preços) para que não deixassem a cidade, que vivia uma situação peculiar durante a Guerra Fria. Fora isso, a cidade atraía rapazes de toda a Alemanha que, para se livrar do serviço militar, iam morar em Berlim. Nesse território cercado tudo funcionava de modo improvisado e com muita liberdade. Havia moradia, comida, diversão e arte para todo mundo. Mas nem por isso o povo, em boa parte composto de doídões e radicais, deixava de ter suas reivindicações.

No ano de 1987, a cidade se preparava para a festa dos seus 750 anos e o clima em Kreuzberg, tradicional reduto de punks, autônomos, anarquistas, ocupantes de casas e outros radicais, já estava tenso por causa de ações do governo consideradas repressivas por eles. Uma delas era o censo populacional, e o Primeiro de Maio de 1987 tinha como um dos lemas um chamado ao boicote do censo. Na madrugada desse dia, a polícia invadiu e revistou o escritório do grupo que organizava o boicote. Imediatamente, a festa do Primeiro de Maio transformou-se num ato de vingança contra a polícia. O episódio acabou em pancadaria generalizada entre policiais e grupos que se manifestavam. Foi um Deus nos acuda. Carros da polícia foram virados de cabeça pra baixo e um supermercado pegou fogo. Após um dia de batalha incessante, a polícia bateu em retirada e o povo tomou conta das ruas em clima de motim: lojas saqueadas, carros incendiados, gás lacrimogêneo, coquetéis molotov, barricadas e muita bebedeira. O saldo foi de centenas de feridos e dezenas de presos.

Assim nasceu uma tradição e, desde então, todos os anos têm tido o mesmo ritual: polícia versus manifestantes. Para quem não participa do Primeiro de Maio, não é tarefa fácil discernir o papel dos protagonistas deste dia. Para os grupos autônomos e antifascistas, é um dia de visibilidade e luta. A imprensa costuma descrever essas atividades como uma baderna generalizada e estampar imagens de violência nas primeiras páginas dos jornais. A polícia, por sua vez, mostra todo o seu arsenal e fica na defensiva, mas só até que alguém atire a primeira pedra, literalmente. Para outros, é um dia de festa, de ficar na rua e celebrar uma espécie de carnaval.

Como uma forma de neutralizar o lado *hardcore* do Primeiro de Maio, a prefeitura da cidade financia uma festa de rua há dez anos, a Myfest, que acontece paralelamente à passeata revolucionária e na qual o público acaba se misturando. Organizada pela administração do bairro de Kreuzberg, a Myfest procura atrair jovens e famílias para participar das comemorações do Primeiro de Maio num clima mais festivo. São inúmeros palcos com shows de grupos multiculturais e barracas de comida e bebida. Garrafas e tudo que possa virar arma são terminantemente proibidos.

Pois nem só de anarquistas, autônomos e anticapitalistas se alimentam as manifestações ocorridas em Berlim. A constituição alemã garante a qualquer um o direito de registrar um protesto ou passeata ao ar livre desde que seja organizada com pelo menos 48 horas de antecedência. Bastam duas pessoas se cadastrarem e a polícia vai estar lá para dar cobertura. As manifestações são as mais variadas possíveis, vão de pequenas causas como o barulho de uma obra

A festa do Primeiro de Maio se transformou num ato de vingança contra a polícia

ou um bar perto de sua casa que perturbe o silêncio até causas globais como a política nuclear da Alemanha. Esse tema já vem sendo discutido por aqui há muito tempo e veio à tona com o desastre ecológico de Fukushima. No maior protesto contra o fim do uso da energia atômica na Alemanha, 90 mil tomaram conta das ruas de Berlim no verão do ano passado.

Outra causa que vem dando o que falar na cidade é a inauguração do novo aeroporto Willy Brandt, no próximo 3 de junho. Os berlinenses se manifestam contra a poluição sonora de aviões que irão sobrevoar bairros residenciais, o aumento do fluxo de trânsito na região e os efeitos nocivos ao ambiente causados pelo grande número de voos.

Motivo para contestar não falta. A polícia local declarou que foram quatro mil protestos autorizados na cidade em 2011. São em média 11 por dia. Temas da atualidade como a crise do euro, aumento dos aluguéis, gentrificação, corrupção no governo e desemprego também levam o povo às ruas.

O Primeiro de Maio em Berlim, sobretudo em Kreuzberg, consegue reunir milhares de pessoas que manifestam as suas ansiedades ou apenas comparecem para participar do feriado mais politizado, revolucionário e festivo da Alemanha. Um dia também em que muitas famílias, não sem razão, temem sair às ruas devido à violência, pois as manifestações, oficiais ou não, acabam se espalhando por toda a cidade.

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso